

TRATANDO (E MALTRATANDO) O PROGRAMA NUCLEAR DO IRÃ

*Por Robert Dreyfuss**



Bandeira do Irã (Blondinrikard Fröberg/Flickr).

Donald Trump explodiu o acordo nuclear com o Irã; Joe Biden ainda poderia recuperá-lo?

Um, errático e muitas vezes desequilibrado, fez explodir o acordo EUA-Irã que foi o marco histórico da política externa do segundo mandato do presidente Obama. Ordenou então o assassinato de um importante general iraniano que visitava o Iraque, aumentando dramaticamente as tensões na região. O outro é um defensor tradicional do excepcionalismo americano, um apoiador do acordo EUA-Irã que prometeu restaurá-lo ao assumir o cargo, apenas para estragar desajeitadamente o trabalho, ao mesmo tempo em que aplacava Israel.

Em novembro, é claro, os eleitores americanos poderão escolher em qual dos dois confiarão para lidar com as tensões explosivas em curso com Teerã em um Oriente Médio agora em crise. A guerra em Gaza já intensificou o perigo de um conflito Irã-Israel – com o recente ataque devastador de Israel a um consulado iraniano na Síria e a resposta iraniana de drones e mísseis enviados contra Israel apenas aumentando as probabilidades. Além disso, o “eixo de resistência” do Irã – incluindo o Hamas, o Hezbollah do Líbano, os Houthis no Iêmen e as milícias no Iraque e na Síria – tem desafiado a hegemonia americana em todo o Oriente Médio, ao mesmo tempo em que atrai contra-ataques letais dos EUA no Iraque, na Síria e no Iêmen.

Foi o presidente Donald Trump, claro, quem condenou o acordo EUA-Irã, conhecido como Plano de Ação Abrangente Conjunto (JCPOA, *Joint Comprehensive Plan of Action*), durante a sua vigência em 2016. Com sua equipe de fervorosos falcões anti-Irã, incluindo o secretário de Estado Mike Pompeo e o conselheiro de Segurança Nacional, John Bolton, foi um desastre nas relações com Teerã. Há seis anos, Trump retirou os Estados Unidos do JCPOA e, no que chamou de campanha de “pressão máxima”, reinstituiu e depois redobrou as sanções políticas e econômicas contra Teerã. Caracteristicamente, ele manteve uma política consistentemente beligerante em relação à República Islâmica, ameaçando sua própria existência e alertando que poderia “destruir” o Irã.

Joe Biden apoiou o acordo, negociado enquanto era vice-presidente de Obama. Durante sua campanha presidencial de 2020, ele prometeu voltar a aderir. No final, porém, ele manteve as sanções onerosas de Trump em vigor e meses de negociações não deram em nada. Embora tenha feito sondagens a Teerã, as crises que eclodiram em 2022 e 2023, incluindo a invasão de Israel pelo Hamas, colocaram enormes obstáculos no caminho de um progresso tangível para o relançamento do JCPOA.

Pior, ainda se recuperando do colapso do acordo de 2015 e governado por um governo linha-dura profundamente desconfiado de Washington, o Irã não está disposto a confiar em outro empreendimento diplomático americano. Na verdade, durante as conversações anteriores, exagerou claramente, exigindo muito mais do que Biden poderia oferecer.

Entretanto, o Irã acelerou sua pesquisa nuclear e suas potenciais instalações de produção, acumulando grandes reservas de urânio que, como relata o *Washington Post*, “poderiam ser convertidas em combustível adequado para armas, para pelo menos três bombas, em um período de tempo que varia de alguns dias a algumas semanas.”

A JIHAD ANTI-IRÃ DE TRUMP

Embora os EUA e o Irã não estivessem exatamente em paz quando Trump assumiu o cargo em janeiro de 2017, o JCPOA tinha pelo menos criado as bases para o que muitos esperavam que fosse uma nova era nas suas relações.

O Irã tinha concordado em limitar drasticamente a escala e o âmbito do seu programa de enriquecimento de urânio, reduzir o número de centrifugas que poderia operar, reduzir sua produção de urânio pouco enriquecido adequado para alimentar uma central elétrica e enviar quase todo o seu estoque de urânio enriquecido para fora do país. Fechou e desativou seu reator de plutônio em Arak, ao mesmo tempo em que concordou com um regime rigoroso no qual a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) monitoraria todos os aspectos do seu programa nuclear.

Em troca, os Estados Unidos, a União Europeia (UE) e as Nações Unidas concordaram em remover uma série de sanções econômicas, que, até então, tinham feito do Irã o país mais sancionado do mundo.

Livre de algumas delas, sua economia começou a se recuperar, enquanto suas exportações de petróleo, sua força econômica vital, quase duplicaram. De acordo com *How Sanctions Work*, um livro da Stanford University Press, o Irã absorveu um lucro inesperado de 11 bilhões de dólares em investimento estrangeiro, obteve acesso a 55 bilhões de dólares em ativos congelados em bancos ocidentais e viu a sua taxa de inflação cair de 45% para 8%.

Mas Trump agiu com força para minar tudo. Em outubro de 2017, ele “descertificou” o cumprimento do acordo por parte do Irã, no meio de falsas acusações de que o país tinha violado o acordo (tanto a UE como a AIEA concordaram que não).

Muitos observadores temiam que Trump estivesse criando um ambiente no qual Washington pudesse lançar uma guerra de agressão ao estilo do Iraque. Em um artigo de opinião do *New York Times*, Larry Wilkerson, chefe de gabinete do secretário de Estado Colin Powell no momento da invasão do Iraque em 2003, sugeriu que Trump estava repetindo o padrão de alegações não comprovadas em que o presidente George W. Bush se tinha baseado: “A administração Trump está utilizando praticamente o mesmo manual para criar uma falsa impressão de que a guerra é a única forma de enfrentar as ameaças representadas pelo Irã.”

Finalmente, em 8 de maio de 2018, Trump explodiu o JCPOA e as sanções ao Irã voltaram a vigorar. Incansavelmente, ele e o secretário do Tesouro, Steve Mnuchin, empilharam cada vez mais sanções, naquilo que chamaram de uma campanha de “pressão máxima”. Antigas sanções foram reativadas e centenas de novas foram adicionadas, visando as indústrias bancária e petrolífera do Irã, sua indústria naval, suas empresas metalúrgicas e petroquímicas e, finalmente, seus setores de construção, mineração, indústria transformadora e têxtil. Inúmeros funcionários e empresários individuais também foram visados, juntamente com dezenas de empresas em todo o mundo que lidavam, ainda que tangencialmente, com empresas sancionadas do Irã. Foi, disse Mnuchin ao primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, “uma campanha de pressão máxima por sanções... Continuaremos a crescer, mais, mais, mais.” A certa altura, em um gesto ao mesmo tempo sem sentido e insultuoso, a administração Trump chegou a sancionar o aiatolá Ali Khamenei, o líder supremo do Irã, uma medida que o presidente moderado Hassan Rouhani chamou de “ultrajante e idiota”, acrescentando que Trump era “atingido por atraso mental”.

Depois, em 2019, Trump tomou a medida sem precedentes de rotular o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC), o principal braço militar do Irã, como uma “organização terrorista estrangeira”. Ele colocou um violento ponto de exclamação nisso quando ordenou o assassinato do principal líder militar do Irã, o general Qassem Soleimani, durante a sua visita a Bagdá.

Funcionários da administração deixaram claro que o objetivo era derrubar o regime e que esperavam que as sanções provocassem uma revolta capaz de derrubar o governo. Os iranianos, de fato, levantaram-se em greves e manifestações, incluindo mais recentemente o movimento “Mulher, Vida, Liberdade” de 2023, em parte graças a tempos econômicos mais difíceis devido às sanções. A resposta do governo, no entanto, foi uma repressão brutal. Entretanto,

na frente nuclear, tendo cumprido meticulosamente o JCPOA até 2018, em vez de ser ainda mais conciliador, o Irã intensificou seu programa, enriquecendo muito mais urânio do que o necessário para abastecer uma central elétrica. E militarmente, iniciou uma série de confrontos com as forças navais dos EUA no Golfo Pérsico, atacou ou apreendeu petroleiros operados por estrangeiros, abateu um drone dos EUA no Estreito de Ormuz e lançou drones destinados a paralisar a enorme indústria petrolífera da Arábia Saudita.

“A retirada americana do JCPOA e a severidade das sanções que se seguiram foram vistas pelo Irã como uma tentativa de quebrar a espinha da República Islâmica ou, pior, de destruí-la completamente”, me disse Vali Nasr, analista veterano do Johns Hopkins School of Advanced International Studies e um dos autores de *How Sanctions Work*. “Então, eles circularam os vagões. O Irã tornou-se muito mais securitizado e entregou cada vez mais poder ao IRGC e às forças de segurança.”

O REINADO DO ERRO (NÃO FORÇADO) DE BIDEN

Tendo apoiado durante muito tempo um acordo com o Irã – em 2008, como presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado e, em 2015, em um discurso aos líderes judeus – Joe Biden chamou a decisão de Trump de abandonar o JCPOA de um “desastre auto infligido”. Mas ao entrar no Salão Oval, Biden não conseguiu simplesmente voltar a juntar-se a ele.

Em vez disso, ele deixou os meses passarem, enquanto aumentava a retórica na tentativa de melhorá-la de alguma forma. Embora o JCPOA estivesse funcionando muito bem, a equipe de Biden insistiu que queria um “acordo mais longo e mais forte” e que o Irã primeiro tinha de voltar a cumprir o acordo, embora tenham sido os Estados Unidos que se retiraram dele.

Considere isso um erro não forçado. “No início de 2021, houve uma última oportunidade de restaurar o acordo”, disse-me Trita Parsi, especialista no Irã e vice-presidente executivo do Quincy Institute for Responsible Statecraft. “Ele poderia simplesmente ter voltado ao JCPOA emitindo uma ordem executiva, mas não fez nada durante o que acabou sendo as 10 semanas mais críticas.”

Foi crítico porque a administração iraniana do presidente Rouhani e do ministro das Relações Exteriores Javad Zarif, responsável pela negociação do acordo original, estava expirando e novas eleições estavam marcadas para junho de 2021. “Um dos principais erros que Biden cometeu é que ele atrasou as negociações nucleares para abril”, comenta Seyed Hossein Mousavian, acadêmico da Universidade de Princeton e antigo alto funcionário iraniano que fez parte da sua equipe de negociações nucleares em 2005-2007. “Esta foi uma oportunidade de ouro para negociar com a equipe de Rouhani, mas ele adiou até um mês antes das eleições iranianas. Ele poderia ter fechado o acordo até maio.”

Quando as conversações foram finalmente retomadas em abril – “cautelosamente”, segundo o *New York Times* – eram ainda mais complicadas porque, poucos dias antes, uma operação secreta israelense tinha devastado uma das principais instalações de pesquisa nuclear do Irã com uma enorme explosão. O Irã respondeu comprometendo-se a aumentar a pureza do seu urânio

enriquecido de 20% para 60%, o que não ajudou exatamente as negociações, nem a relutância de Biden em condenar Israel por uma provocação claramente concebida para destruí-lo.

Em junho desse ano, os iranianos votaram em um novo presidente, Ebrahim Raisi, um clérigo linha-dura e militante apoiador do “eixo da resistência”. Ele assumiu o cargo em agosto, passou meses montando sua administração e nomeou uma nova equipe para liderar as negociações nucleares. Em julho, de acordo com responsáveis americanos, as conversações sobre uma nova versão do JCPOA tinham chegado a um “acordo quase completo”, apenas para desmoronar quando o lado iraniano recuou.

Também ficou claro que a administração Biden não deu prioridade às conversações com o Irã, estando pouco disposta a lidar com a amarga oposição de Israel e seus aliados no Capitólio. “A opinião de Biden era que ele concordaria em reviver o JCPOA apenas se sentisse que era absolutamente necessário e o faria com o menor custo político”, salienta Parsi. “E parecia que ele só faria isso se fosse aceitável para Israel.”

Ao longo dos dois anos seguintes, os Estados Unidos e o Irã envolveram-se em uma série improdutiva de negociações que pareciam aproximar-se tentadoramente de um acordo, apenas para serem interrompidas. No verão de 2022, as conversações nucleares pareciam mais uma vez estar progredindo, mas falharam mais uma vez. “Após 15 meses de negociações intensas e construtivas em Viena e inúmeras interações com os participantes do JCPOA e os EUA, concluí que o espaço para compromissos adicionais significativos foi esgotado”, escreveu Josep Borrell Fontelles, chefe de política externa da União Europeia.

No final de 2022, Biden teria declarado o acordo com o Irã “morto” e seu negociador-chefe insistiu que não “perderia tempo” em tentar reanimá-lo. Como Mousavian me disse, o Irã aumentar a repressão à revolta Mulher, Vida, Liberdade, na sequência da sua “polícia da moralidade” torturar e matar uma jovem, Mahsa Amini, presa sem véu nas ruas de Teerã, e o aumento da preocupação com a entrega de drones iranianos à Rússia em sua guerra na Ucrânia, azedaram Biden até mesmo para conversar com o Irã.

No entanto, em 2023, mais uma rodada de negociações – ajudada, talvez, por uma troca de prisioneiros entre os Estados Unidos e o Irã, incluindo um acordo para descongelar seis bilhões de dólares em receitas petrolíferas iranianas – resultou em um acordo provisório e informal que as autoridades iranianas descreveram como um “cessar-fogo político”. De acordo com o *Times of Israel*, “os entendimentos levariam Teerã a comprometer-se a não enriquecer urânio além do seu atual nível de 60% de pureza, a cooperar melhor com os inspetores nucleares da ONU, a impedir que seus grupos terroristas por procuração atacassem empreiteiros dos EUA no Iraque e na Síria, evitar fornecer mísseis balísticos à Rússia e libertar três iranianos-americanos detidos na República Islâmica.”

Mas mesmo esse acordo informal foi jogado na lata de lixo da história depois do ataque do Hamas, em 7 de outubro, ter condenado qualquer aproximação entre os Estados Unidos e o Irã.

A questão permanece: alguma versão do JCPOA poderia ser recuperada em 2025?

Certamente que não se, como agora parece cada vez mais possível, irromper uma guerra envolvendo os Estados Unidos, o Irã e Israel, uma crise catastrófica com consequências imprevisíveis. E certamente não se Trump for reeleito, o que mergulharia ainda mais os Estados Unidos e o Irã na sua guerra fria (se não em uma guerra devastadoramente quente).

O que dizem os especialistas? Contra a possibilidade de um acordo revivido, segundo Vali Nasr, o Irã concluiu que Washington é um parceiro de negociações totalmente indigno de confiança, cuja palavra não vale nada. “O Irã decidiu que não há diferença entre Democratas e Republicanos e decidiu aumentar ainda mais as tensões para obter o que espera ser uma vantagem adicional frente a Washington.”

“A intenção de Biden era relançar o acordo”, diz Hossein Mousavian. “Ele tomou algumas medidas práticas para fazer isso e pelo menos tentou acalmar a situação.” O Irã mostrou-se, no entanto, menos disposto a avançar porque Biden insistiu em manter as sanções impostas por Trump.

Trita Parsi, do Instituto Quincy, no entanto, capta todo o pessimismo de um momento em que o Irã e Israel (notavelmente apoiado por Washington) estão à beira de uma guerra real. Dadas as tensões crescentes na região, para não falar de confrontos reais, ele diz sombriamente: “O melhor que podemos esperar é que nada aconteça. Não há esperança para mais nada.”

E é aí que está hoje a esperança em um Oriente Médio que parece estar caminhando para o inferno em um ambiente em rápida deterioração.

Publicado no [TomDispatch](#).

**Robert Dreyfuss é jornalista investigativo e escreve regularmente para o TomDispatch. Ele é editor colaborador da Nation e escreveu para a Rolling Stone, Mother Jones, American Prospect, New Republic e muitas outras revistas. Ele é o autor de Devil's Game: How the United States Helped Unleash Fundamentalist Islam.*
